

ESCUTAR O LEITOR: LEITURA E SUBJETIVIDADE EM DEPOIMENTOS DE LICENCIANDOS E PROFESSORES DE LÍNGUA MATERNA

LISTENING TO THE READER: READING AND SUBJECTIVITY IN TESTIMONIALS FROM UNDERGRADUATES AND NATIVE LANGUAGE TEACHERS

Sheila Oliveira Lima  0000-0002-0993-8228

Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas - Centro de Letras e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Londrina
sheilalima@uel.br

Recebido em 28 de julho de 2022

Aceito em 03 de setembro de 2022

Resumo: O projeto “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna” tem como objetivo investigar fatores relevantes nas trajetórias de formação leitora de professores de língua materna e licenciandos de Letras e Pedagogia, tendo como foco as subjetividades leitoras. Trata-se de pesquisa de caráter qualitativo baseada em registros de depoimentos. Os *corpora* compõem-se de: (a) registros de entrevistas com professores de língua materna da educação básica; (b) depoimentos escritos de estudantes de Letras e Pedagogia. A partir de tais *corpora*, pretende-se realizar análises baseadas no conceito de “escuta” desenvolvido pela Psicanálise (LACAN, 1998) e ratificado para esse tipo de trabalho pelos estudos relativos à formação de leitores (BAJOUR, 2014) e pela metodologia do “paradigma indiciário” (TFOUNI; PEREIRA, 2018 e GINZBURG, 2001). A partir desses dados, pretende-se evidenciar mais amplamente a relevância dos aspectos afetivos na condução do trabalho docente no campo da leitura. Neste artigo, apresentam-se as bases teóricas para a problematização das relações entre leitura, subjetividade e formação docente, seguida de análises de parte dos *corpora* já constituídos.

Palavras-chave: Formação de leitores; formação docente; literatura.

Abstract: The project “Listening the reader: reading and subjectivity in testimonies of undergraduates and mother tongue teachers” aims to investigate and identify relevant factors in the trajectories of reading training of mother tongue teachers and Letters and Pedagogy undergraduates, focusing on reader subjectivities. This is a qualitative research based on records of testimonials. The *corpora* are formed by: (a) records of interviews with mother tongue teachers in basic education; (b) written testimonies of Letters and Pedagogy students. From such *corpora*, it is intended to perform analyses based on the concept of “listening” developed by Psychoanalysis (LACAN, 1998) and ratified for this type of work by studies related to the formation of readers (BAJOUR, 2014) and by the methodology of the “evidentiary paradigm” (TFOUNI; PEREIRA, 2018 and GINZBURG, 2001). From these data, it is intended to highlight more broadly the relevance of affective aspects in the conduct of teaching work in the field of reading. In this article, we present the theoretical basis for the problematization of the relations between reading, subjectivity and teacher formation, followed by analyses of part of the *corpora* already constituted.

Keywords: Reader formation; teaching formation; literature.

1 Introdução

Ao longo dos últimos 10 anos, temos dedicado nossas pesquisas à compreensão dos processos de formação de leitores no contexto escolar brasileiro.

As primeiras investigações implementadas estavam focadas na busca de indicativos dos percursos de formação de leitores nos materiais didáticos utilizados nas salas de aula dos Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental. Nos projetos realizados entre os anos de 2012 e 2017, observou-se que as abordagens dos livros didáticos sobre a leitura de textos literários e não literários era pouco distinta. Em geral, faziam uso dos textos por meio de excertos e os tratavam como pretextos para ensino do código alfabético ou da gramática e para tematizar produções de textos orais e escritos. A atividade de interpretação textual figurava, na maior parte das vezes, por meio de questionários que roteirizavam uma leitura superficial - sobretudo quando se tratava de literatura -, dinamizada por um verdadeiro retalhamento do texto, sem no entanto considerar as articulações entre as partes desmembradas pelo exercício. Ao lado disso, observou-se a inexistência de abordagens da leitura que contemplassem o enlace subjetivo do leitor no momento da prática leitora e mesmo na condução dos percursos formativos mais extensivos.

Tendo em vista que o livro didático é, no Brasil, um forte condutor das práticas didáticas e mesmo um formador de condutas docentes, os dados obtidos a partir da pesquisa com tal material levou a considerar a necessidade de um empenho maior nos cursos de formação de professores, no sentido de problematizar mais amiúde os processos de leitura na escola básica, seja por meio da reflexão sobre os instrumentos didáticos ali presentes, seja pelo reforço de repertórios que capacitam uma postura mais crítica diante de tais objetos.

Num segundo momento das investigações sobre a formação de leitores, outro projeto de pesquisa foi implementado, desta vez direcionado à compreensão dos percursos experienciados por leitores considerados maduros e “bem sucedidos”. Para tanto, optou-se por uma metodologia investigativa que contava com análises de registros autobiográficos de escritores a respeito de seus processos de leiturização e de entrevistas semiestruturadas com escritores brasileiros e pessoas que possuem vinculação com a leitura em níveis mais avançados, mesmo não se tratando de profissionais das Letras.

As entrevistas e os registros biográficos expuseram uma grande diversidade de situações que envolvem a formação leitora e suas relações indissociáveis com os processos de construção subjetiva. Dentre os dados mais relevantes obtidos pela pesquisa, ressaltamos a constatação de situações particulares que revelam a ação da escola nos percursos dos sujeitos, embora nem sempre se trate de marcas positivas. De modo geral, observou-se, nos depoimentos que fazem referência às práticas escolares que envolvem a leitura, a fragilidade da instituição, não se configurando, na maior parte dos relatos, em cenário que tenha favorecido ou incentivado de modo consistente e sistemático a formação desses leitores.

As recusas operadas na escola, nas diversas cenas descritas pelos entrevistados, levam a questionamentos a respeito da possível limitação do potencial formador do docente de língua materna em contextos em que o leitor não se vê amparado a se afirmar como tal. Isto é, pode-se perguntar em que medida o professor tem tido a oportunidade de se colocar enquanto sujeito leitor, capaz de transmitir ao seu aluno sua paixão pela leitura. Mais ainda, até que ponto as práticas ensinadas nos cursos de licenciatura autorizam ou não o docente em formação a fazer proveito da própria experiência afetiva de leitor na construção dos saberes docentes? E, por fim, o quanto

tais processos levam a um embotamento das práticas, fechadas num circuito constituído pelos saberes acadêmicos, geralmente impostos mais que desenvolvidos pelo sujeito?

Nesse sentido, as reflexões desenvolvidas ao longo desses 10 anos de pesquisa desembocam no atual projeto que temos realizado, ainda voltado para a escuta qualificada dos depoimentos de leitores, porém, agora, focada nos docentes de língua materna em exercício e em formação - licenciandos de Letras e de Pedagogia.

Assim, a proposta do projeto “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna” é investigar possíveis relações entre os percursos de formação de leitores e o desenvolvimento das práticas, enquanto docentes de leitura e de literatura, entendendo que, a partir de dados oriundos de suas memórias e de suas experiências subjetivas, seja possível constituir propostas para uma formação docente que possa articular mais favoravelmente as experiências leitoras à formação de práticas docentes de leitura e de literatura, considerando para isso a relevância da subjetividade e do afeto.

Iniciamos este artigo com uma discussão teórica a respeito das relações entre leitura, subjetividade e formação docente, a partir de uma articulação entre conceitos oriundos da psicanálise e da linguagem, ancorando-nos também em pressupostos da didática. Em seguida, apresentamos algumas análises realizadas a partir de enunciados coletados em depoimentos escritos por licenciandos de Letras e em entrevistas com professores de língua materna do Ensino Fundamental.

As análises são realizadas a partir do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989; TFOUNI; PEREIRA, 2018), dispositivo metodológico que busca “pistas” discretas porém reveladoras de singularidades que apresentam grande potencial de reflexão a respeito de fenômenos que implicam as subjetividades. Na mesma esteira, amparados ainda pelas relações interdisciplinares entre os campos da linguagem e da psicanálise, operam-se as análises a partir do princípio da “escuta”, ou seja, da delimitação de elementos constitutivos dos enunciados que, por vezes, se expressam apenas nas entrelinhas e mesmo nos silêncios.

Procuramos, neste artigo, expor parte da pesquisa realizada até o momento, explicitando, por meio das análises aqui presentes, fatores que entendemos como definidores para uma formação leitora mais vigorosa ao longo dos cursos de licenciatura, impactando, assim, a educação básica de maneira mais efetiva.

2 Leitura, subjetividade e formação docente

A formação do leitor configura-se a partir de elementos de diversa ordem. Passa por instâncias distintas, as quais, juntas e articuladas, conduzem a um percurso de elaboração muito particular a cada leitor, devido ao fato de que cada indivíduo vive contextos muito específicos de relação com a linguagem. Analogamente, a formação do docente responsável pela condução dos processos formativos dos leitores também se configura de maneira complexa e em permanente processo de constituição.

Os estudos relativos ao fenômeno da leitura trazem luzes às reflexões sobre os processos de formação do leitor. Barthes (1992, 2004), Jouve (2002), Petit (2009), Rouxel (2013), Montes (2020), Bombini (2015), entre outros, trazem à baila toda uma discussão a respeito das condições que constituem o fenômeno da leitura, revelando, cada um com um foco particular, que não é possível limitar o ato de ler a aspectos de pura cognição. Amparada em estudiosos como Jouve, AUTOR (2016, p. 1) considera que:

A leitura é um fenômeno complexo. Passa por diversas instâncias do corpo, nas suas diversas compleições. Ela resulta de uma trama de processos, que se iniciam na feição mais bruta do que podemos chamar de corpo, um corpo concreto, neurofisiológico, até atingir seu limite máximo de abstração, revelado pelos instantes de prazer experimentados por um corpo psíquico, urdido pelos afetos.

Se a leitura é fenômeno marcado pela complexidade, a formação do leitor e a do docente responsável por esse processo não serão menos intrincadas. O processo formativo do professor de leitura e de literatura requer uma articulação entre experiência leitora, conhecimentos teóricos de literatura e fundamentos didáticos. Entretanto, de modo geral, o que se observa nos programas dos cursos de formação docente - no caso dos cursos de Letras - é um centramento no trabalho em torno da teoria literária e da atividade analítica de obras e autores canônicos. Nesse sentido, a experiência leitora do docente em formação, tomada como elemento específico da subjetividade, tende a permanecer recôndita, sem que haja momentos dentro dos programas de disciplinas para que seja exposta e problematizada.

No entanto, compreende-se que a experiência é um dado fundamental da aprendizagem, na medida em que se trata da efetiva situação em que o sujeito é afetado pelos eventos de que participa. Larrosa (2001, p.271, tradução nossa), ao responder à questão sobre as relações entre leitura e subjetividade, dentro de uma concepção de experiência, afirma que “A experiência seria o que nos acontece. Não o que acontece, senão o que nos acontece.”¹ Deste modo, conhecer profundamente um objeto requer ter uma experiência não mediada com ele, para que se possa, depois, no relato da própria vivência, simbolizá-la. Nesse sentido, no que se refere à leitura, nada supera a própria experiência do leitor para que possa se considerar conhecedor de um texto e do próprio ato de ler. Sua relação, marcadamente subjetiva, com o que lê é fundamental no processo de formação leitora. Nessa esteira, entendemos que, no processo de formação enquanto docente, o mergulho subjetivo nas obras comparece como fator essencial, senão primeiro, em todo o percurso.

Para Petit (2013), a experiência leitora é fator essencial no trabalho dos formadores de leitores. Neste sentido, embora o conhecimento didático seja extremamente relevante, sobretudo na organização do trabalho docente, o formador de leitores deve acessar o que lhe é mais íntimo em sua experiência para que possa tocar efetivamente seus alunos e conduzi-los a uma vivência que os motive a prosseguir o percurso de leituras. Assim sendo, Petit (2013, p. 37) afirma:

Tudo que podem fazer os iniciadores de livros é levar as crianças – e os adultos – a uma maior familiaridade e uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos. É transmitir suas paixões, suas curiosidades, questionando seu lugar, seu ofício e sua própria relação com os livros. É dar às crianças e aos adolescentes a ideia de que, entre todas essas obras, certamente haverá alguma que saberá lhes dizer algo em particular.

Embora pareça um tanto comum a assertiva da pesquisadora francesa, confirmando o que outros já disseram a respeito da necessidade de ser leitor para formar leitores (Lajolo, 2007), sua perspectiva funda-se em algo mais complexo, isto é, nas

¹ La experiencia seria lo que nos pasa. No lo que pasa, sino lo que nos pasa. (Texto original em espanhol)

relações de afeto implicadas na experiência leitora - tema já tratado por Barthes (1999, 2004), quando identifica no leitor um processo de transbordamento da subjetividade no processo da leitura, logo considerando-a um ato criativo. Ademais, Petit aponta com veemência as vinculações afetivas e os processos de identificação que se impõem no processo de mediação da leitura, foco de trabalhos relevantes como os de Montes (2020) e Andruetto (2017).

Tais relações, marcadamente subjetivas, comparecem mais em alguns contextos do que em outros e parecem conduzir à composição do que Soares (2020) denomina "fio afetivo", enlace que aproxima e cria relações de cumplicidade nos processos de ensino-aprendizagem.

Considerando os percursos de formação leitora e de formação docente, o desenvolvimento da capacidade de gerar o "fio afetivo" talvez resulte, entre outros fatores, do potencial de enredar a própria experiência – docente e leitora – às dos alunos com quem o professor interage, fundando uma nova experiência, comum, compartilhada e fortemente urdida pelo circuito dos afetos.

Em nossa investigação, analogamente ao que foi conduzido entre 2017 e 2020, no projeto de pesquisa "Escutar o leitor: leitura e subjetividade em biografias e depoimentos de escritores", não se aborda o processo de mediação em ato, mas a memória construída a partir dos eventos que constituíram o percurso de enlace subjetivo dos indivíduos pesquisados com a leitura. Trata-se, portanto, de reconhecer não o fato em si da mediação, mas o efeito que ele produziu, reconhecível pelas marcas que os leitores recuperam ao retomar suas experiências por meio de narrativas orais ou escritas. Entretanto, compreendendo que a experiência docente é parte essencial da subjetividade dos participantes da pesquisa e considerando o conceito de "fio afetivo" (SOARES, 2020), também interessa recuperar indícios relativos aos efeitos da formação leitora dos sujeitos pesquisados na sua atuação em contextos de ensino-aprendizagem da leitura e da literatura.

Deste modo, tendo em vista que o objeto de análise não são os fatos em si, mas os conteúdos produzidos por meio da linguagem, instada fortemente por processos de ordem inconsciente (Lacan, 1998), o trabalho analítico reivindica o conceito de "escuta" como base da atividade de observação e construção de sentidos oriundos das narrativas pesquisadas, tanto escritas quanto orais.

Nesse sentido, recorre-se ao trabalho realizado por Cecilia Bajour (2014) em torno da leitura e da formação de leitores de literatura, no qual ela defende a relevância do processo de escuta na atividade de mediação da leitura, no momento em que se produzem os sentidos ou se abrem os hiatos de significação aos leitores em atividade. Para Bajour (2014, p. 13, tradução nossa)

A linguagem estética se oferece aos leitores que se acomodam e incomodam perante maneiras alternativas, diversas e às vezes transgressoras de nomear o mundo. O que importa ali não é só o que sacode nossas valorações, ideias ou experiências de vida senão como o faz.²

² El lenguaje estético se ofrece a los lectores que se acomodan e incomodan ante maneras alternativas, diversas y a veces transgresoras de nombrar el mundo. Lo que importa allí no es sólo lo que nos sacude nuestras valoraciones, ideas o experiencias de vida sino cómo lo hace. (Texto original em espanhol)

Trata-se, portanto, de reconhecer os processos mais refinados, singulares e subjetivos da leitura em curso por meio da escuta, ou, nas palavras da autora de "oír entre líneas", isto é, captar não os preenchimentos, mas os vazios, os intervalos.

Procurando operar uma leitura dos dados conduzida pelo processo de "escuta", seguindo vertente semelhante à que comparece no trabalho de Bajour (2014), também se busca como referencial metodológico o conceito de "paradigma indiciário" (TFOUNI; PEREIRA, 2018; GINZBURG, 2001), que aponta para um trabalho analítico que, para além de observar tendências homogeneizantes, pretende reconhecer "pistas" que remetam a informações menos visíveis e não menos relevantes sobre o problema examinado. Sendo assim, a metodologia do "paradigma indiciário" conduz a uma investigação qualitativa, que utiliza o método interpretativo, com o qual se intenta olhar os detalhes que, à primeira vista, podem parecer irrelevantes, mas que trazem indicativos muito precisos a respeito da peculiaridade de certos fenômenos.

Nessa perspectiva, tornam-se objetos da escuta a que se propõe o projeto as entrevistas e os registros escritos realizados pelos sujeitos pesquisados. Sendo assim, o processo investigativo caracteriza-se pela recuperação dos traços de memória inscritos nos eventos aos quais os sujeitos dão relevância, no campo semântico que manipulam para compor suas narrativas, em toda matéria linguística e nos silenciamentos que operam na busca de um significante capaz de envolver a experiência vivida no percurso de formação enquanto leitores e enquanto formadores de leitores.

No projeto "Escutar o leitor: leitura e subjetividade em biografias e depoimentos de escritores", como já dito, foram analisadas narrativas de leitores experientes, na tentativa de encontrar discursos que favorecessem um olhar mais desejoso em relação à leitura enquanto atividade relevante social e individualmente. No processo de pesquisa, notou-se, porém, que os discursos em torno da formação do leitor, em geral, são constituídos por um imaginário configurado pela imobilidade. Isto é, na maior parte das entrevistas, observou-se que os leitores abordam sua formação sempre no passado, considerando-a um processo acabado, do ponto de vista de onde a narram. Nesse sentido, ao buscar os leitores em processo de lida com a formação de um outro (seu aluno), procura-se identificar, nas trajetórias em processo, elementos vivos da experiência leitora, manifestados no transcurso das interações didáticas. Nessa mesma direção, os depoimentos trazidos pelos estudantes de licenciatura em Letras configuram formações em movimento, na medida em que se trata de sujeitos que vivenciam a atualidade da construção de repertórios a serem acessados num devir das suas regências.

Assim, a investigação a partir das narrativas e dos relatos de experiências de sujeitos envolvidos com a ação docente, na qualidade de professor ou de licenciando, tem como perspectiva suscitar o reconhecimento de indícios da matéria subjetiva que urde, nas práticas didáticas, os enlaces entre o fenômeno da leitura e os processos para a formação do docente leitor.

3 Através das frestas: primeiros indícios

Antes de apresentar o corpus sobre o qual se operou a análise para esta apresentação dos primeiros resultados da pesquisa em tela, cumpre explicitar a condução metodológica implementada.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em uma metodologia analítica e exploratória. Para tanto, tem como instrumentos de coleta de dados o registro memorialístico de estudantes de licenciatura em Letras ou Pedagogia e a entrevista

semiestruturada com professores de língua materna da educação básica. Os procedimentos de análise baseiam-se na escuta psicanalítica e no paradigma indiciário, ambos constructos teórico-metodológicos que operam sobre pistas discretas, que não expressam tendências generalizantes, mas conduzem o olhar a dados que evidenciam singularidades dos processos observados, abrindo brechas para caminhos pouco visíveis, mas não menos relevantes, quando se trata de compreender os mecanismos que envolvem as ações docentes e seus enlaces com os processos de formação leitora - foco da investigação do projeto.

Neste artigo, apresentamos e analisamos 3 excertos de enunciados produzidos pelos participantes da pesquisa, sendo dois licenciandos em Letras e uma professora de língua materna em atividade em escola pública de educação básica.

Vale ressaltar, antes de expor os enunciados coletados pela pesquisa, que esta foi aprovada pelo Comitê de Ética Envolvendo Seres Humanos³ e que todos os participantes foram esclarecidos a respeito de seus direitos enquanto sujeitos pesquisados.

3.1 Memórias discentes

As primeiras investigações realizadas pelo projeto vêm sendo constituídas de análises de depoimentos de estudantes de licenciatura em Letras, coletados por meio da seguinte proposta de escrita do que tem sido nomeado, na pesquisa, como “memória de leitor”:

Quadro 1: Enunciado para coleta de depoimento de licenciandos em Letras

"É nossa história que vemos desfilar em nossas prateleiras". (Petit, 2002)

Escreva um depoimento, narrando sua experiência de formação de leitor e tentando focar nos períodos em que frequentou o Ensino Fundamental 2 ou o Ensino Médio. Você pode citar livros, fatos, lugares que façam parte da sua memória de formação leitora. Entretanto, trata-se de uma escrita pessoal, livre, sem número mínimo ou máximo de linhas, sendo o ideal você escrever da maneira mais livre possível, isto é, sem modelos prévios. Procure, apenas, respeitar o uso da norma padrão da língua.

Fonte: Arquivos da pesquisa “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna”.

Conforme é possível observar, o enunciado procura motivar o depoimento livre, entretanto valoriza aspectos da subjetividade, ao citar, em sua abertura, trecho de obra de Michèle Petit (PETIT, 2002, p. 58), na qual se explicita a relação intrínseca entre a formação leitora e a subjetividade.

No texto a seguir, a partir do enunciado motivador explicitado antes, a estudante realiza a seguinte narrativa, parecendo procurar estabelecer um contexto do seu processo de formação leitora, iniciando o relato a partir do momento da lida primeira com o código alfabético:

A infância em Patrocínio, circuito do triângulo mineiro, é caracterizada por experiências familiares em casas contíguas de quintais comuns, e em uma destas, iniciava minhas primeiras experiências com o letramento. Com pais semianalfabetos e um tanto

³ Parecer de Aprovação registrado sob o número 4.760.233, em 08 de junho de 2021.

ausentes por conta de afazeres domésticos e trabalhos, a TV ficava ligada em noticiários quase o dia todo. Em um destes dias eu tive minha primeira experiência com a escrita ao tentar reproduzir as letras do canto inferior do da tela escrito "ao vivo". (...) ⁴ (Arquivos da pesquisa "Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna", 2021)

Observa-se, no trecho, que a autora do texto procura evidenciar a ambiência de letramento na qual estava imersa, destacando fatores como a baixa escolarização dos pais e o acesso à cultura letrada por meio da mídia televisiva. Nesse momento do depoimento, em se tratando de uma estudante de letras, é possível identificar certa preocupação em abordar a própria experiência pelo crivo das teorias já apropriadas no decurso de sua formação superior, ainda em processo.

Em um segundo momento do texto, entretanto, alguns movimentos subjetivos se sobrepõem na narrativa, quando surge um "eu" mais investido de afeto:

Fui uma criança bastante desinibida e falastrona que por muitas vezes fui convidada a recitar poemas e cantar músicas de uma dupla que eu era fã chamada "Gian e Giovane". Na época, os CD's eram acompanhados de um livrinho com as letras de todas as músicas e eu passava horas olhando e tentando ler todas as músicas.

Acabei assim, ganhando uma certa popularidade na 'Creche Criança Feliz 'e **todas as tias e professoras sabiam quem eu era.** (...)

(Arquivos da pesquisa "Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna", 2021 (grifos nossos))

No excerto, o caráter analítico sobre a própria experiência sede lugar para um relato mais voltado para certa exposição da estudante no período da infância, construída por meio de uma inicial adjetivação ("desinibida e falastrona") seguida de um breve relato de suas habilidades com a oralidade poética (recitar poemas e cantar músicas) e mesmo com a leitura ("passava horas tentando ler todas as músicas").

Nota-se, no primeiro parágrafo do trecho, que a estudante expõe sua personalidade infantil com certo júbilo, dadas as muitas qualidades no trato com a palavra. A oralidade e a escrita são trazidas no relato como uma matéria com a qual a licencianda já apresentava destreza desde tenra idade.

Toda a contextualização que introduz o depoimento é relevante para o estudo, entretanto, interessa para a pesquisa, sobretudo, o momento final do texto, quando a estudante, mais que relatar as atividades que costumava realizar na infância, revive a experiência da notoriedade com que é vista pelas "tias e professoras" da creche, quando, então há o reconhecimento da criança enquanto sujeito (eu), em sua essência (era), no trecho "quem eu era".

O estreitamento do olhar do outro sobre a essência da criança que lia, cantava e recitava registra-se no depoimento como elemento fundante da experiência da licencianda enquanto leitora e chama a atenção da pesquisa para o fato de haver, no percurso em tela, a inscrição do desejo de ler gravada no próprio corpo da leitora, na voz que expõe sua essência ao expor suas leituras e desejos de leitora.

⁴ Os enunciados das coletas escritas foram transpostos sem qualquer tipo de correção de ordem gramatical, mantendo-se, assim, a sua originalidade.

A interação triangulada entre o leitor, o texto e o seu ouvinte/apreciador se estabelece por meio de uma relação atravessada pelo desejo. A criança deseja ser vista e ouvida enquanto leitora habilidosa, ao mesmo tempo em que as professoras e tias desejam ver e ouvir a aluna numa performance que pode evocar o sucesso de suas ações docentes. Há, nessa triangulação de olhares e escutas, afetos entre diversos “eus”, que se percebem reconhecidos em suas tarefas de ser: ser professora, ser leitora, ser desinibida e falastrona, ser.

Distinto do primeiro depoimento, que se manifesta a partir da rememoração da infância, o que vem a seguir chama a atenção pela possibilidade de aferir o processo de formação leitora em franco movimento, dado que os traços de subjetividade se evidenciam por meio de uma enunciação um tanto fragmentária, que expõe muitos espaços de incompletudes e incertezas. Por se tratar de um discurso cujo conteúdo buscado parece se mostrar mais nas lacunas que nos preenchimentos, optamos por reproduzi-lo em sua totalidade para melhor exposição e análise.

Memória de leitor

Minha experiência como leitor **voraz** começa mesmo no ensino médio, pois vindo de um ensino fundamental fraco e sem muita prática na leitura, me vi curioso e com vontade de aprender realmente com as obras apresentadas por meus professores no primeiro ano do ensino médio. Contudo tive que realizar aulas particulares de **fonoaudiologia** para melhorar a fala e conseqüentemente, percebi dificuldades na gramática, porém ao evoluir nesse quesito pude **saborear** de uma boa leitura. E, partindo desta base alguns livros chamaram minha atenção e em minha "**memória** de leitor" pude guardar, são eles "Alguma poesia de Carlos Drummond de Andrade, Laços de família, Clarice Lispector e Primeiras histórias de João Guimarães Rosa". Ao ler estes primeiros e marcantes livros, despertou-se em mim o amor pela leitura, seguindo por um desejo ardente de ler livros de conhecimento financeiro que por um de meus professores de matemática um dia foi colocado em discussão, revistas e livros voltados para universidades também se fez presente para que criasse um desejo de ser professor, pois fiz isto um forma de se manter próximo de livros e **manter a memória** de leitor sempre em funcionamento. Me lembro que sempre que surgia um tempo eu frequentava a biblioteca municipal e do colégio para fazer redações e livros como estes me ajudava muito no desenvolvimento oral e escrito. Entretanto como **ainda** **ainda** era **muito jovens** e estava em meu primeiro ano tive tempo para ler autores polêmicos como Gregório de matos que surfa em poemas líricos, satíricos e sacros. Portanto depois que li este as aulas de literatura que possuía poemas, contos, narrações fizeram meu ensino médio mais alegre me transformando em um viajante nas páginas de obras consagradas com se estenderam até meu último ano do ensino colegio. Em virtude dos fatos mencionados, posso aqui concluir que a importância da leitura e da a escrita são práticas sociais de suma importância para o desenvolvimento da cognição humana. Ambas proporcionam o desenvolvimento do intelecto e da imaginação, além de promoverem a aquisição de conhecimentos. (Arquivos da pesquisa "Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna", 2021 (grifos nossos))

Conforme é possível observar numa primeira mirada, o texto em tela evidencia certa insegurança no uso de uma escrita formal, acadêmica. Em vários pontos, identificam-se inadequações sintático-semânticas que podem ser decorrentes tanto de dificuldades pontuais com as práticas escritas do estudante quanto pelo fato de haver entregue seu texto sem uma revisão final. Em nossa análise não é relevante precisar a competência linguística escrita do estudante que nos forneceu o relato, mas o que tais desvios podem nos informar a respeito das relações entre subjetividade e formação leitora.

Nesse sentido, consideramos que as eventuais falhas linguísticas no texto do estudante explicitam importantes espaços de incerteza, o que leva a inferir que seu processo de formação leitora encontra-se em plena construção. E, considerando que toda narrativa só é possível quando se trata de experiências já concluídas, a sua “memória de leitor” mostra-se em situação fragmentária porque, estando em pleno processo de constituição, não é possível, ainda, guardar a distância de narrador e, assim, relatá-la por meio de um discurso que não seja o de um provisório rascunho.

Vale ressaltar que o relato inicia com a explicitação de duas falhas em seu processo de formação leitora: a ausência de leituras no Ensino Fundamental e as dificuldades fonoaudiológicas vivenciadas na juventude, ambas reparadas a partir da entrada no Ensino Médio. Tais conteúdos, ao se expressarem por meio de um discurso cuja materialidade reforça seu caráter falhado, intensificam seu significado, operando de maneira semelhante ao que ocorre com a poesia, conforme nos ensina Bosi (2000, p. 31): “a poesia, toda grande poesia, nos dá a sensação de franquear impetuosamente o novo intervalo aberto entre a imagem e o som.”. No caso do texto do estudante, não temos uma criação poética, mas é notória a articulação entre forma (som) e conteúdo (imagem), operada, porém, por obra do inconsciente em sua capacidade de fazer o sujeito emergir por meio da linguagem, conforme amplamente estudado pela psicanálise freudiana, quando aborda alguns mecanismos próprios da expressão verbal, como os chistes e outros lapsos linguísticos (FREUD, 1996).

Na mesma direção, dois outros elementos específicos da materialidade linguística do texto do estudante reiteram o aspecto inacabado de sua formação. A primeira delas expressa-se no uso do termo “memória” que, em seu discurso, assume o sentido de algo em processo de construção, em lugar de um registro de um passado já concluído. Na primeira ocorrência, o sentido atribuído ao vocábulo mostra-se um tanto ambíguo, entre a ideia de repertório já constituído e a de acervo acessível, ao qual recorre para falar de si. Na segunda, emprega-o associado a processos cognitivos e sob a perspectiva de algo também em processo.

Por fim, um último elemento que parece reiterar o quadro de incompletude da formação leitora ou de algo que está em pleno processo de constituição se expressa pelo lapso de escrita na repetição do vocábulo “ainda”. Inserido num cotexto constituído por um advérbio (“muito”) que intensifica um adjetivo (“jovens”) e em que se expõe a condição de tenra juventude do enunciador (“ainda ainda (...) muito jovens”), o advérbio duplicado assume status de reiteração da permanência do sujeito em seu processo de formação. Aliado a esse recurso, o desvio de concordância observado no uso do adjetivo (“jovens”) intensifica seu valor, a partir da pluralização que, em certo sentido, é também uma maneira, ainda que não usual em língua portuguesa, de multiplicar e, assim, intensificar, o signo.

Sobre os desvios inconscientes da escrita, que geram sentidos diversos e expõem a subjetividade do enunciador, Fenoglio (2006), estudiosa da relação entre enunciação e psiquismo, observa a possibilidade do lapso linguístico também na escrita.

Amparada na psicanálise freudo-lacanianana, ela observa diversas situações em que desvios ortográficos geram novos sentidos ao enunciado, revelando, assim, uma emersão do sujeito por meio do seu discurso. No caso do texto aqui analisado, verificamos tais processos em situações ainda mais complexas que a do erro ortográfico, mas todas elas ratificadas por uma articulação com os conteúdos verbalizados.

Após as análises dos depoimentos dos estudantes, cumpre retomar o objetivo da investigação proposta pelo projeto, isto é, avaliar as relações entre subjetividade e formação leitora nos processos de construção do perfil do docente. A partir dos dois enunciados, é possível identificar a existência de ocorrências de ordem subjetiva nos processos de formação leitora e de constituição da própria subjetividade quando vinculada às práticas de leitura. No caso da estudante autora do primeiro depoimento, verifica-se um olhar para o passado que clama por uma posição de destaque e põe em evidência o valor da leitura enquanto índice de distinção social. Já o estudante do segundo relato expõe, nas malhas e falhas do seu discurso, o extenuante exercício de se mostrar leitor constituído, enquanto seu discurso desvela sua condição de incompletude. Nos dois depoimentos, é possível inferir que a leitura, enquanto valor socialmente reconhecido, afeta os sujeitos e põe em funcionamento o desejo de mostrar-se leitor, por meio da busca por encontrar em si esse fator de destaque, seja na recôndita infância ou num porvir em plena articulação discursiva.

4 Docentes: leitores também em formação

As coletas realizadas com docentes da educação básica realizaram-se por meio de entrevista semiestruturada, para a qual há um roteiro prévio, sendo possíveis, porém, alguns desvios do plano inicial, conforme a situação de interação e de produção dos dados coletados.

Por se tratar de material mais extenso, abordaremos aqui apenas alguns excertos de uma das entrevistas, realizada com uma professora da educação básica, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com formação em Pedagogia.

Ao ser indagada a respeito de seu processo de formação leitora, a entrevistada, de saída, expôs uma trajetória que se inicia a partir do ingresso no ensino superior, afirmando não se lembrar de obras lidas durante o período da Educação Básica. Também afirma não fazer parte de uma família de leitores, não tendo, portanto, acesso fácil a livros. Ao citar as possíveis leituras do período escolar, menciona a afamada *Coleção Vagalume*⁵ e as obras para vestibular, como os romances de Machado de Assis, porém sem identificar algum título em específico e, assim mantendo, ao longo de seu discurso, o enunciado inúmeras vezes repetido: “Não me lembro.”

No entanto, conforme avança a entrevista, a professora expõe, discretamente o fato de ter sido, na infância e adolescência, vinculada à religião e, instada pela curiosidade da pesquisadora que realizou a coleta, expõe um discurso que se opõe vivamente à imagem, construída até então, de jovem não leitora. Do mesmo modo, a construção discursiva ancorada no esquecimento se esvanece, dando lugar a um relato carregado de procedimentos de intensificação:

⁵ Trata-se de coleção de obras voltadas aos públicos infantil e juvenil, escritas por autores renomados da literatura brasileira contemporânea e publicados pela Editora Ática desde o ano de 1973.

A gente **lia muito. Muito, muito**. Eu era daquela igreja Testemunha de Jeová, que eles pregam na rua. A gente **lia muito** porque a gente treinava aquilo. Então, **isso eu lembro**. A gente estudava bastante a Bíblia. Eles tinham livros, né? Então aquilo eu **lia**. Os livros deles, as histórias que a gente trabalhava ali. **Lia muito**. (...) Isso eu tenho certeza que eu **li muito. Muitos anos**. (Arquivos da pesquisa “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna”, 2021. (Grifos nossos)

Observa-se no trecho a repetição do verbo “ler”, o que, em si, gera uma imagem de presença frequente da leitura em suas práticas cotidianas, divergindo do que havia construído antes, ao repetir o enunciado “Não lembro”, sempre que se reportava a tais atividades quando associadas ao período escolar, fase que coincide com a da infância e adolescência.

Também o uso do vocábulo “muito” mostra-se bastante revelador. Na qualidade de advérbio posposto ao verbo “ler” e de adjetivo preposto ao substantivo “anos”, inverte a relação de ausências antes exibida com relação à leitura e mesmo à extensão da experiência vivida.

A reversão operada pelo discurso também se expressa no enunciado “isso eu lembro”, que se coloca como ponto de giro no processo de restauração do circuito de memórias de sua formação leitora.

O esquecimento e a posterior rememoração indiciam a valoração dada pela entrevistada naquilo que parece considerar ou não leitura e mesmo leitor(a). No princípio do diálogo com a pesquisadora, ao realizar a exposição de seu percurso de formação leitora, demarca o momento exato de deflagração de sua trajetória, destacando, o ingresso na universidade, a participação no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e o encontro com uma formadora de professores da Secretaria de Ensino do município em que leciona.

Sobre a participação no PNAIC, a professora expõe o entusiasmo com as caixas de livros distribuídas às escolas pelo governo federal, nas quais encontravam-se obras de grande valor literário e editorial. Em relação a tal experiência, ela diz: “Ali começou a minha amizade com os livros.” Os recursos da metáfora e da hipérbole como intensificadores do sentido expresso podem ser observados também quando se reporta ao encontro com a formadora: “Aí que a literatura começou a entrar na minha vida”.

Embora, inicialmente, a professora negue o seu percurso de formação leitora desde a tenra idade, ao reconstruí-lo a partir de sua fala, vemos que há dois momentos distintos em que se envolve profundamente com a leitura. Inicialmente - embora a informação surja posteriormente no depoimento - vivencia um processo de muita leitura, porém associada a uma abordagem mecanicista, pouco afeita à subjetividade, na medida em que, conforme enuncia a professora, “**treinava** aquilo”. O segundo momento do seu percurso é marcado por eventos de expansão da subjetividade: o ingresso na universidade, que, em geral, opera um encontro com uma diversidade social e, conseqüentemente, leva a uma revisão de si; o acesso a livros de qualidade literária e editorial, que promove um mergulho desiderante na leitura; e, por fim, o encontro entre subjetividades, na interação com a formadora da Secretaria.

Considerando que a professora delimita em seu discurso dois momentos não apenas distintos, mas díspares em termos de valoração, não é de estranhar que tenha invertido a ordem dos eventos ao narrá-los e mesmo procurado omitir a parte que menos avaliza. Nesse sentido, é possível considerar que a entrevistada se vê mais leitora

quando se percebe sujeito nas práticas relatadas, quando nota que é afetada intimamente, mesmo quando se trata de contextos de grande coletividade, como ocorre com os eventos e práticas promovidos pelos programas de governo federal e municipal.

Corroborando essa interpretação a própria caracterização que a professora faz de si enquanto leitora ao longo da entrevista:

Eu gostaria de ler mais. **Eu** compro muito mais do que eu leio. Os livros que leio para mim. (...) Um livro adulto, **eu** leio um livro por mês. Que é algo que é pra **mim**. E fora as coisas que **eu** leio pra escola, pras crianças e tal. Daí, **eu**, esses **eu** não conto, porque são sempre coisas menores, mais fininhas, né? Mas esses também **eu** continuo, continuo lendo. Os livros para os alunos, esses **eu** não conto. (Arquivos da pesquisa “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna”, 2021. (Grifos nossos))

Observa-se no trecho a tentativa de delimitar seu perfil de leitora, por meio de uma descrição das práticas e hábitos que envolvem suas atividades de leitura. Destaca-se nos enunciados a repetição de pronomes em primeira pessoa do singular, o que evidencia a preocupação com a exposição de si. Nesse percurso de enunciação, também é patente a tentativa de desvincular as suas práticas leitoras das atividades docentes, delimitando-as a partir de apreciações de cunho valorativo, expressos, por exemplo, em: “esses eu não conto” (...) “são sempre coisas menores, mais fininhas”.

Entretanto, ao abordar o trabalho docente com a leitura, afirma:

Livro didático eu já não tenho quase mais lido, não. (...) Mas **eu leio muita coisa que eu possa usar com as crianças**. Pra levar para a sala de aula para as crianças. Literatura. (Arquivos da pesquisa “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna”, 2021.)

E, referindo-se especificamente ao trabalho desenvolvido durante o período de ensino remoto em consequência do isolamento causado pela pandemia de covid-19, expõe:

Pelo menos um livro por mês eu li pra crianças e a gente trabalhou. (...) Eu coloco no meu planejamento que pelo menos um livro a gente vai ler. **Pelo menos um por mês** a gente trabalha. **Eu gosto tanto de histórias, eu gosto tanto de livros, eu não posso deixar a minha criança só com esse livro didático de português.**(Arquivos da pesquisa “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna”, 2021.(Grifos nossos))

Nos excertos acima, observa-se um percurso enunciativo que abandona a ideia inicial de desvinculação entre a prática leitora e a atividade docente. Isto é, se antes ela delimitava claramente as leituras efetuadas para sua própria formação daquelas que se tornavam tarefas escolares dirigidas a seus alunos, agora vemos um apagamento de tal fronteira. Um primeiro enunciado que evidencia isso ocorre no trecho inicial, quando a professora expõe a potencial transposição de suas leituras para a sala de aula: “eu leio muita coisa **que eu possa** usar com as crianças.” Trata-se, portanto de leituras que ficam no “entrelugar” daquilo que lê para si (“eu leio”) e do que tem potencial didático-

pedagógico (“possa usar com as crianças”). Seriam, portanto, textos escolhidos por ela, para sua leitura pessoal que, eventualmente, se aplicam à sala de aula, mas, em não sendo direcionados para o ensino, voltam-se para seu próprio aproveitamento enquanto leitora.

O segundo excerto corrobora o primeiro, na medida em que, ao abordar o trabalho docente de formação de leitores, utiliza expressões já presentes em seu discurso sobre a própria atividade leitora. Ao usar, reiteradamente, a sentença “Pelo menos um livro por mês”, presente já nos enunciados em que descreve suas próprias práticas leitoras, infere-se que a professora busca um caminho de formação dos jovens leitores semelhante ao que traça para si, estabelecendo uma relação de intersubjetividade com seus alunos por meio da troca simbólica favorecida pelo ato de ler. Ao final do trecho, encontramos a expressão máxima desse processo, quando a professora expressa seu afeto pela leitura (“eu gosto tanto de histórias (...) livros”) e o associa ao afeto que nutre pelos alunos (“não posso deixar minha criança só”).

A entrevista traz momentos que nos parecem reveladores da constituição do que antes chamamos “fio afetivo”. Nas interações com seus alunos, o processo de construção vivido por si é estendido aos estudantes, marcando subjetivamente os enlaces entre leitores em formação. A tentativa de posicionar o processo de formação de seus alunos a partir da reedição do seu próprio vivido, mas daquele que considera valoroso, expressa o resgate de algo que permanece em suas práticas leitoras e se espelha em seu trabalho docente. A criança que não quer abandonar em meio a leituras, inocuas ao enunciar “não posso deixar minha criança só”, talvez não se trate apenas de seus alunos, mas de si mesma. Essa criança que revive em cada novo livro que escolhe para o trabalho em sala de aula, para quem cria uma sistemática de hábito leitor, parece estar no eixo de suas práticas leitoras e docentes.

5 Considerações finais

O projeto “Escutar o leitor: leitura e subjetividade em depoimentos de licenciandos e professores de língua materna” teve suas atividades iniciadas no ano de 2021. No atual momento, tem em seu acervo depoimentos obtidos por meio de coletas com estudantes do curso de Licenciatura em Letras-Português da UEL e da UFPE e de entrevistas realizadas com professores das redes públicas de ensino. O material está em processo de análise, tendo como base metodológica o paradigma indiciário e a escuta de base psicanalítica.

Nos relatos analisados, observaram-se alguns procedimentos bastante peculiares, referidos, cada um deles, nos percursos subjetivos de seus autores.

No primeiro relato, observa-se a tendência da participante da pesquisa em pautar sua narrativa a partir de um afastamento inicial, marcado por abordagem baseada nos estudos sobre letramento aos quais provavelmente teve acesso em seus primeiros anos de curso. Ao longo do texto, entretanto, é possível entrever alguns elementos que revelam aspectos da subjetividade, expressos pela perda do foco teórico-analítico apresentado no início. O “eu” se faz presente não apenas pelo uso do pronome pessoal, mas sobretudo pelo posicionamento no desenho da cena, quando assume lugar de destaque aos olhares adultos, vale dizer, aos já leitores.

O segundo relato de estudante expõe a formação leitora em processo, apesar das tentativas discursivas de ocultar tal situação. Observa-se um vívido desejo subjetivo de encontro de uma imagem constituída de leitor, ancorada em certos enquadramentos sociais pré-construídos e expressos, por exemplo, nas listas de autores do cânone

nacional que menciona. Apesar disso, são flagrantes as inconsistências dos enunciados, o que deixa escapar elementos de uma subjetividade leitora ainda em processo.

Os relatos dos estudantes, portanto, permitem entrever dois fatos que se mostram relevantes para as reflexões a respeito da formação dos docentes que irão trabalhar com leitura e literatura. O primeiro deles refere-se ao próprio desejo de constituir-se leitor e de exibir uma imagem que seja assim reconhecida socialmente. Também se destaca nos dois relatos a ambiência escolar enquanto palco para esse reconhecimento, sendo, sobretudo no segundo caso, o próprio relato construído uma evidência disso. Disso, podemos inferir a necessidade de um espaço, no percurso de formação docente, para a exploração e a exposição das subjetividades, por meio de compartilhamentos de experiências leitoras, em trocas simbólicas em que possam fortalecer o desejo e a imagem de professores leitores.

Por fim, a entrevista realizada com a professora indica uma relação bastante intensa entre formação leitora e atividade docente. Os recursos que busca para formar leitores em tenra idade operam a partir de suas próprias experiências, naquilo que valoriza em sua história e em seu perfil de leitora, ainda reconhecendo-se em pleno processo de constituição.

Colocada ao lado dos relatos dos estudantes de licenciatura, o depoimento da professora parece corroborar a necessidade de fundar uma relação desejosa com a leitura e de estabelecer uma imagem de leitor para si como forma de significar sua atividade docente enquanto formadora de leitores.

Embora ainda estejamos no princípio das análises, podemos considerar que os materiais aqui expostos trazem importantes dados sobre o reconhecimento da subjetividade leitora enquanto um elemento bastante relevante no processo de enlace do fio afetivo entre o sujeito e a leitura. As cenas escolares de favorecimento da formação do leitor se efetivam mais fortemente nos depoimentos da estudante e da professora, cada uma a seu turno exercendo papéis distintos dentro de um contexto em que a vinculação afetiva entre leitores se configura a partir do lugar ocupado por um “eu” que protagoniza a situação desenhada. No caso do estudante que ainda esboça seu lugar de leitor, os enlaces almejados se mostram frágeis exatamente porque ainda se opera uma busca em meio a trilhamentos que, dispersos, compõem uma experiência que apenas acontece, mas ainda não **lhe** acontece, o que chama a atenção para o fato de que o ensino superior deve também acolher demandas como essa na sua tarefa de formar docentes leitores.

5 Referências

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

BAJOUR, Cecilia. **Oír entre líneas**: El valor de la escucha en las prácticas de lectura. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Hacedor, 2014.

BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 1992.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de Jaime Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOMBINI, Gustavo. **Los arrabales de la literatura: la historia de la enseñanza literaria en la escuela secundaria argentina (1860-1960)**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2015 (versão digital).

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FENOGLIO, Irène. Les événements d'énonciation graphique. **Item** (On line), 25 septembre 2006. Disponível em <http://www.item.ens.fr/articles-en-ligne/les-evenements-denonciation-graphique/>.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: reflexões sobre a distância**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética na psicanálise**. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2007.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2011 (edición eletrónica).
AUTOR. Subjetividade e formação do leitor: o problema da ausência da leitura literária em livros didáticos do ciclo 1 do ensino fundamental. **Revista Terra Roxa e Outras Terras**, Londrina-PR, v. 31, p.18-30, dez-2016.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Tradução Cícero Oliveira. Salvador: Solisluna Editora, 2020.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2009.

PETIT, M. **Éloge de la lecture**: la construction de soi. Paris: Belin, 2002.

PETIT, M. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2013.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia. **Leitura subjetiva ensino de leitura**. Tradução de Amaury C. Moraes [et al]. São Paulo: Alameda, 2013.

SOARES, Poliana Rosa Riedlinger. **Leitura e Contação de Histórias na EJA**: um diálogo para diferentes práticas de letramento. 2020. 126 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. (dissertação)

TFOUNI, Leda Verdiani; PEREIRA, Anderson de Carvalho. Análise indiciária: uma topologia das singularidades. In: TFOUNI, Leda Verdiani; PEREIRA, Anderson de Carvalho; MILANEZ, Nilton (org.). **O paradigma indiciário e as modalidades de decifração nas Ciências Humanas**. Edufscar. 2018. p. 121- 148.